

# Os múltiplos fatores da desigualdade

É comum ouvirmos expressões como: “os direitos dos negros são os mesmos dos brancos” e “os direitos dos homens são os mesmos das mulheres”, contudo na prática as coisas não são bem assim.

É do conhecimento de todos que há uma grande diferença social entre brancos e negros, mesmo que muitas vezes, isso não seja admitido de forma direta. O Relatório Nacional de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) mostra que em dezoito anos (de 1990 a 2008) a proporção de negros abaixo da linha de pobreza diminuiu consideravelmente (de 37,1% para 6,6%), entretanto a etnia e o sexo da criança no Brasil determinam consideravelmente seu futuro na sociedade, tanto o escolar quanto o profissional e a discriminação de raça e gênero ainda perduram.

O estudo também mostra que em 1992, a diferença de escolaridade entre brancos e negros era significativa (12,2%) e que vem diminuindo muito nos últimos anos e isso se deve à queda na desigualdade do analfabetismo entre negros e brancos. Só em 2008 a diferença passou a ser de 0,7%, mas as mulheres negras continuam com baixa escolaridade em relação aos homens negros e aos brancos, pois elas apresentam grande defasagem escolar e isso revela a desigualdade de gênero.

O sistema de cotas raciais significou um grande avanço da desigualdade racial no Brasil, visto que tem como objetivo principal garantir aos negros o direito de realizarem o curso superior, além de compensá-los de todo o sofrimento vivido por seus antepassados durante a escravidão. No entanto, não há garantia de que os participantes do sistema de cotas chegarão ao mercado de trabalho e serão bem sucedidos.

Em alguns países como a Índia e os Estados Unidos, a cota racial não teve sucesso e acabou gerando mortes durante protestos e agravando ainda mais o racismo, já no Brasil apenas ocasionou grandes discussões, pois as opiniões divergem e resultam numa divisão: de um lado pessoas que defendem a lei, afirmando que os negros têm menores oportunidades e diferente distribuição de renda e educação em relação aos brancos e de outro lado pessoas que acreditam que o sistema é injusto, pois a inteligência nada tem a ver com a cor da pele e se os negros lutarem por uma vaga estudando tanto quanto os brancos terão tanta capacidade de serem aprovados no vestibular quanto eles.

A meu ver, o sistema de cotas é uma conquista dos negros e é ilusão dizermos que todos somos iguais enquanto uma parte dos brancos e negros são milionários e outra vive abaixo da linha de pobreza. Brancos e negros são diferentes devido aos fatores que contribuem para essa diferença, fatores como distribuição de renda, perspectiva de futuro e visão de mundo, e esses fatores vêm de uma sociedade que só respeita o que é bonito e é hipócrita quanto ao que é conveniente. As diferenças entre negros e brancos são visíveis em nossa vida. Quantas vezes nos deparamos com pessoas racistas que publicamente não admitem o fato de que o são? Para que o racismo se anule é necessário educar a população de forma que as pessoas percebam que somos diferentes ao mesmo tempo em que somos iguais, e essa educação deve começar desde já, com as crianças nas escolas, em casa e nas conversas entre amigos.

O Brasil, como um país com um alto índice de miscigenação de raças, deveria ser um país livre de preconceitos, mas infelizmente não é assim. De acordo com dados do Censo de 2000 realizado pelo IBGE, o Brasil possui 169,8 milhões de habitantes e dentre eles 76,4 milhões seriam pessoas negras (pardos e pretos), o que corresponde a 45% dos habitantes e estudos comprovam que o Brasil é a segunda maior nação negra do mundo fora do Continente africano. *"Nascer negro no Brasil está relacionado a uma maior probabilidade de crescer pobre."* Essa frase é do pesquisador especializado em Economia Social, reconhecido por trabalhar com temas como educação, desigualdade e pobreza, Ricardo Henriques e demonstra algo significativo: o fato de que o negro não é discriminalizado apenas porque é negro e sim porque é pobre. O preconceito racial então não é apenas uma questão de raça, mas também uma questão de poder econômico. Esse fato nos remete aos tempos da escravidão, e é a partir daí que se analisa que os negros sempre foram pobres e sempre foram tratados como seres inferiores, não obstante isso afetou os negros no decorrer da história e persiste até os dias de hoje em forma de preconceito e também é responsável pelo fato de que os negros são mais pobres que os brancos por terem tido, ao decorrer dos tempos a impossibilidade de alcançarem os brancos, tanto na questão econômica como na social.

Outra fantasia existente na nossa sociedade é a de que homens e mulheres possuem os mesmos direitos, pois de acordo com o ranking mundial de igualdade de gênero feito pelo Gender Gap Report, em 2006 o Brasil ocupava a 67ª posição entre os países com baixos índices de desigualdade de gênero e em 2010 caiu para a 85ª. Isso prova que a sociedade está muito deseducada em relação ao respeito que devemos ter quando convivemos com pessoas diferentes de nós, seja no campo econômico ou nas relações sociais.

Ainda que as mulheres estejam mais presentes na sociedade do que costumavam ser nos anos 60, elas ainda estão em desigualdade em relação aos homens e esse pensamento que é definido como esteriótipo de gênero é responsável pelas atitudes machistas que ainda persistem em nosso campo de

convivência ainda que insistamos em negá-lo. Essas atitudes existem através de ideias infundadas, como: a mulher é o sexo frágil, é mais fraca, menos capaz, só serve para cuidar da casa e dos filhos, não tem a necessidade de aprendizagem nem razão para ter acesso ao conhecimento e à cultura, dentre outras mil sentenças que conhecemos.

Muitas mulheres vêm se destacando notavelmente em nosso país em posições nunca antes por elas ocupadas, desde presidente da república, como Dilma Rousseff até delegadas como Martha Rocha, a primeira mulher a chefiar a Polícia Civil do Rio de Janeiro. Sem falar nas juízas, promotoras, jornalistas, escritoras, empresárias, mecânicas, jogadoras de futebol, policiais, taxistas, caminhoneiras, pedreiras, cientistas, juízas de futebol, pilotas, militares, advogadas, entre tantas outras profissões, nas quais elas desempenham seus papéis tão bem quanto os homens. Mulheres assim, têm o poder de modificar uma época e abrir portas para o futuro.

Todavia, sabemos que nem sempre a mulher teve seu papel na sociedade, pois muitas vezes ela foi alvo de preconceitos, conclusões erradas e teve seus direitos oprimidos por muito tempo. Ninguém desconhece que na história da humanidade a mulher sempre recebeu predicados como: fracas, inúteis, vaidosas demais, fúteis demais, inconstantes, infiéis, incapazes, entre outras coisas que denegriram a figura da mulher, pois viviam num mundo essencialmente masculino: não podiam votar, não podiam trabalhar fora, deviam apenas cozinhar, passar, limpar e cuidar das crianças. Esse passado, embora pareça distante para as últimas gerações, é um passado recente.

Na literatura não foi diferente: mulheres que queriam publicar suas obras adotavam pseudônimos masculinos e um exemplo disso é a escritora George Sand que ao vestir-se de homem, com calças compridas e sapatos masculinos foi denominada um símbolo da rebeldia em seu tempo, um tempo de opressão, machismo e preconceito.

Apesar de as coisas terem mudado muito, não foi de forma avassaladora e sabemos que o processo de igualdade de gênero é demorado, porém sólido, mas ainda vivemos numa sociedade patriarcal e um ponto crucial que pode demonstrar isso é o fato de que há desigualdade salarial entre homens e mulheres que exercem uma mesma função, as mulheres ganham cerca de 30% a menos que os homens. Pesquisas apontam que cerca de 90% das mulheres brasileiras que trabalham ainda precisam cuidar dos afazeres domésticos, ou seja, elas trabalham praticamente o dobro do que os homens e em alguns casos são elas quem sustentam suas famílias. A pesquisa “Perfil das Mulheres Responsáveis pelos Domicílios no Brasil” desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que em uma década, o número de mulheres responsáveis pelos domicílios brasileiros aumentou de 18,1% para 24,9% . Outras pesquisas feitas pelo IBGE mostram que a mulher brasileira aumentou seu poder aquisitivo, aumentou o nível de escolaridade, diminuiu a defasagem escolar e diminuiu a taxa de fecundidade, no entanto ainda está em 20% a taxa de analfabetismo. Os especialistas dizem que as mulheres serão as líderes deste milênio.

Logo, ainda há muito que fazer em relação à igualdade no Brasil e no mundo, mas não falo apenas em igualdade de gênero ou igualdade entre brancos e negros, falo de igualdade entre brancos, negros, asiáticos, indígenas, homossexuais, heterossexuais, bissexuais, transexuais, católicos, umbandas e evangélicos. Pois cada ser humano é capaz, independente do tipo de raça, religião, opção sexual, gênero e etc. Todos nós somos iguais e essa igualdade depende apenas de nossa educação e caráter. Afinal, todos nós possuímos a glória de sermos acima de tudo simplesmente humanos.